

“O TEMPO É MUITO RESUMIDO”: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE A PARTIR DO TRABALHO COM GÊNEROS TEXTUAIS

Layane de Santana Araújo (Autora)¹; Laurênia Souto Sales (Coautora)²

Universidade Federal da Paraíba
layanearaujo335rt@gmail.com
laureniasouto@gmail.com

Resumo: O ensino de Língua Portuguesa (LP) tem sido alvo de críticas e contínuas discussões, desde o fim do século passado, devido ao fato de os professores apresentarem uma concepção estruturalista da língua, o que ocasiona(vam) em aulas que gira(vam) em torno de atividades metalinguísticas, distantes dos usos reais da língua em funcionamento. Nesse contexto, fazer uso dos gêneros textuais em sala e aula vem possibilitar o desenvolvimento comunicativo e interacional dos alunos, conforme orientam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Diante dessa afirmativa, neste trabalho, nos propusemos a refletir sobre a relevância que o professor de Língua Portuguesa atribui ao trabalho com gêneros textuais em sala de aula. Para isso, este estudo utilizou como respaldo teórico os estudos de Bakhtin (2003) sobre os gêneros discursivos e os estudos de Marcuschi (2008), Antunes (2009) e Dolz e Schneuwly (2004) entre outros, sobre os gêneros textuais. A pesquisa toma como base, ainda, as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, 2000), que norteiam o ensino da Língua Portuguesa na Educação Básica. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que tem como corpus os dados gerados por um questionário aplicado junto a um professor do Ensino Médio de uma escola do município de Rio Tinto-PB. Os resultados da análise apontam para o reconhecimento da importância do trabalho com os gêneros textuais para a formação do indivíduo, ao mesmo tempo em que revela a necessidade de o professor ter mais tempo para planejar as aulas e capacitar-se para se tornar letrado digital e assim trazer para a sala de aula os novos gêneros que permeiam a realidade dos discentes, como forma de despertar o interesse pelas aulas de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: Ensino. Língua Portuguesa. Gêneros Textuais.

1. INTRODUÇÃO

As discussões sobre o ensino de Língua Portuguesa (LP), desde a segunda metade dos anos 1990, têm se pautado nas orientações propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998). Com a publicação desse documento, o currículo escolar da Educação Básica recebeu um olhar diferenciado e institucionalmente legitimado. No que se refere ao ensino de Língua Portuguesa, os PCN (BRASIL, 1998) contribuíram para possibilitar uma nova prática de ensino de língua a partir do trabalho com os gêneros textuais, o que corroborou para que as pesquisas em Linguística Aplicada avançassem e serviu também como respaldo em momentos

¹ Aluna do Curso de Letras-Língua Portuguesa do Centro de Ciências Aplicadas e Educação (CCAEE) da UFPB.

² Professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal da Paraíba – CCAE e professora do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFPB).

de revisão de propostas curriculares em Secretarias de Educação de todo o país. É importante ressaltar, contudo, que o que estava sendo proposto pelos PCN já estava em discussão desde o fim da década de 1980 e esses documentos apenas outorgaram a implantação de práticas que já vinham sendo discutidas.

Antes da publicação dos PCN, o ensino de Língua Portuguesa já havia ganhado espaço de discussão nas academias e em reuniões entre linguistas e pesquisadores da área. Geraldi (1997), Perini (1997), Possenti (1996) e outros linguistas debatiam sobre uma perspectiva de ensino que compreendesse a língua em uso e possibilitasse um ensino significativo ao aluno, para que este pudesse refletir sobre o uso da língua e fazer uso efetivo dela (língua) em diferentes situações de interação social, diferentemente do que normalmente ocorria até esse momento.

É importante observar que, quando se traz para o debate o ensino de LP, não são poucas as críticas e preocupações de quem se preocupa com esse assunto. Nas últimas quatro décadas, esse ensino tem enfrentado inúmeras dificuldades, por isso a quantidade de estudos voltados para a sua análise é volumosa e significativa. O ponto crucial dos problemas no ensino de LP volta-se para o ensino de uma gramática descontextualizada, conforme demonstra os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCNEM (BRASIL, 2000, p.16): “A perspectiva de estudos gramaticais na escola, até hoje, centra-se, em grande parte, no entendimento da nomenclatura como eixo principal; descrição e norma se confundem na análise da frase, essa deslocada do uso, da função do texto”.

Como bem evidenciam os PCNEM (2000) e salienta Travaglia (2006), essa perspectiva de ensino baseia-se em ideais estruturalistas e preocupa-se muito mais com a classificação e nomenclatura de seus elementos linguísticos, do que com o uso real da língua. Desse modo, os estudos gramaticais se voltam para questões distantes da realidade dos alunos, uma gramática sem função, deslocada e focada na análise frasal. Ao discorrer sobre o ensino de LP, Irandé Antunes enfatiza que “parece incrível, mas é na escola que as pessoas ‘exercitam’ a linguagem ao contrário, ou seja, a linguagem que não diz nada” (ANTUNES, 2003, p. 26).

Em reação a esses estudos e buscando uma remoção para essa “pedra no caminho” existente em nossas aulas de Português, emergem outras perspectivas de ensino da língua que proporcionam ao aluno o desenvolvimento e consolidação de competências e habilidades linguísticas das quais pode fazer uso em sociedade, fazendo com que a língua possua, de fato, uma função. De acordo com Antunes, “a língua-em-função, que só ocorre sob forma de atividade social, para fins da interação e da intervenção humana, acontece inevitavelmente sob a forma de textualidade, isto é, sob a forma de textos orais e escritos, sejam eles breves ou

longos” (ANTUNES, 2009, p. 37). Para a autora, portanto, a língua-em-função só acontece concretizada em situ(ações) comunicativas, ou seja, como prática social.

Esse viés de estudo linguístico, que contempla a língua em uso e tem como principal ferramenta os textos, parte de uma concepção de linguagem de base sociointeracionista, inspirada em Bakhtin (2003) e Vygotsky (1996), e recebeu contribuições relevantes advindas dos pesquisadores de Genebra (Bronckart, Dolz, Schneuwly e outros) e de pesquisadores brasileiros (Marcuschi, Rojo e outros), a partir da década de 1990.

Tendo como fundamento a concepção sociointeracionista da língua, surgem os gêneros discursivos, que, de acordo com Bakhtin (2003, p. 280), são enunciados (orais e escritos) “concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana”. Dessa maneira, percebe-se que os gêneros do discurso não podem ser trabalhados independentemente de sua realidade social e de sua relação com as atividades humanas. Nesse contexto, podemos afirmar que há um diálogo entre Bakhtin e os PCN (1998), quando este último afirma: “Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam” (BRASIL, 1998, p. 21).

Diante dessas considerações, podemos constatar que o ensino de LP, tendo os gêneros textuais como ferramenta, faz com que o aluno desenvolva o conhecimento necessário para adaptar-se às diversas atividades linguísticas, diferentemente do que ocorre quando o ensino está voltado às práticas essencialmente metalinguísticas. Nesse sentido, reconhecendo a importância do trabalho com gêneros textuais na escola, neste artigo, nos propusemos a refletir sobre a relevância que o docente de Língua Portuguesa atribui ao trabalho com os gêneros textuais em sala de aula. Para tanto, aplicamos um questionário com um professor do 2º ano do Ensino Médio de uma escola do município de Rio Tinto-PB. Trata-se, assim, de uma pesquisa de natureza qualitativa, que se fundamenta teoricamente nos estudos de Bakhtin (2003) sobre os gêneros discursivos e nos estudos de Marcuschi (2008), Antunes (2009) e Dolz e Schneuwly (2004) entre outros, sobre os gêneros textuais. A pesquisa toma como base, ainda, as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, 2000), que norteiam o ensino da Língua Portuguesa na Educação Básica.

O artigo está estruturado em sessões. Inicialmente, apresentamos uma breve explanação acerca da importância de se trabalhar com gêneros textuais em sala de aula, na sequência, expomos o percurso metodológico que guiou esta pesquisa, que se deu com a aplicação de um questionário a um professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio, posteriormente, fazemos a análise dos dados gerados pelo questionário aplicado com o

professor e discutimos os dados obtidos. Por fim, tecemos algumas considerações finais acerca do que foi apresentado e discutido neste trabalho.

2. POR QUE TRABALHAR COM OS GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA DE AULA?

Os gêneros textuais estão na moda já há algum tempo. Seja nas discussões na universidade, em congressos ou eventos, em cursos de formação continuada, como tema de trabalhos de conclusão de curso, nas salas de aula ou em qualquer lugar em que estivermos falando sobre o ensino de Língua Portuguesa, sempre ouvimos alguém falar acerca dos gêneros textuais.

Ora, se já podemos falar dos gêneros textuais em Platão, com a tradição poética, e em Aristóteles, com a tradição retórica, podemos imaginar a proporção que eles assumem nos dias atuais com essa imensa quantidade de textos que nos rodeiam. Não há como inibir ou ocultar a existência dos gêneros textuais, pois, ao caminharmos pela rua nos deparamos com eles, ao assistirmos televisão, ao acessarmos o Instagram, ao conversarmos no WhatsApp, ao pedirmos uma refeição em um restaurante etc. Vivemos em meio a uma explosão de gêneros textuais, e a escola, sobretudo, as aulas de Língua Portuguesa não se tornaram indiferentes a isso.

Conforme ressalta Bezerra (2002), a partir de Schneuwly e Dolz (2004), os gêneros textuais são fundamentais na escola, visto que são utilizados “como meio de articulação entre as práticas sociais e os objetos escolares, mais particularmente, no domínio do ensino da produção de textos orais e escritos” (BEZERRA, 2002, p. 41). Conforme a autora, os gêneros textuais são meios de articular o contexto social ao que é estudado em sala de aula, fazendo com que o aluno produza textos orais e escritos que condizem com os espaços sociais em que ele está situado. Dessa forma, é pelo desenvolvimento das competências do aluno nos diversos domínios discursivos, utilizando os mais distintos gêneros textuais, que ele saberá que seu “comportamento discursivo num circo não pode ser o mesmo que numa igreja” (MARCUSCHI, 2008, p. 194).

Entendemos assim que a escola, enquanto espaço que possibilita a construção de conhecimentos, deve tornar a sala de aula um ambiente para a língua ser processada juntamente ao texto. Desse modo, o aluno poderá, por exemplo, refletir sobre os usos da língua, produzir textos, atribuir sentidos ao que lê a partir dos processos de leitura, análise e produção de diversos gêneros textuais. Entretanto, conforme Antunes (2007), não é bem isso

que vem acontecendo. Nas salas de aula de Língua Portuguesa, em relação à produção escrita, predominam

propostas para a produção de texto que não especificam o gênero a ser produzido pelo aluno. Se limitam a dizer: “Fale sobre...”; “Faça uma redação sobre...”; “Crie um texto sobre...” Seria mais significativo indicar, explicitamente, o gênero do texto a ser produzido e, assim, solicitar aos alunos: “Façam uma carta...”; “Escrevam um aviso...”; “Façam um comentário...”; “Apresentem uma justificativa...”; “Façam um relatório...”; “Façam uma declaração...”; “Criem uma história...” etc. Aliás, é assim que nos referimos às atividades de linguagem que realizamos durante o dia. Ninguém diz: - Recebi um texto. Mas todos dizemos: - Recebi uma carta um telegrama, um e-mail, fiz um comentário. (ANTUNES, 2007, p. 46)

Isso nos leva a compreender que o trabalho com os gêneros textuais é essencial, relevante e significativo, portanto, deve ganhar cada vez mais espaço nas aulas de língua. Porém, não deve, como bem enfatiza Antunes (2007), simular um ensino de língua contextualizado. Nesse mesmo sentido, alerta Bezerra (2002, p. 41):

a escola sempre trabalhou com gêneros, mas restringe seus ensinamentos a aspectos estruturais ou formais dos textos. É justamente essa desconsideração de aspectos comunicativos e interacionais que contribui para que alunos e professores se preocupem mais com a forma do texto do que com sua função e, consequentemente, o texto seja visto como formulário preenchido (leitura) ou a preencher (para escrita).

Sendo assim, a escola precisa ampliar sua visão e criar momentos que proporcionem o diálogo entre atividades metalinguísticas e epilinguísticas, visando ao desenvolvimento comunicativo e interacional dos alunos, uma vez que, enquanto as aulas de LP se restringirem a analisar a superfície do texto e decorar modelos preestabelecidos de alguns gêneros, nunca alcançarão seu verdadeiro objetivo, que é possibilitar ao aluno o conhecimento de que ele pode – e deve – se constituir um leitor crítico e autônomo, bem como autor de seus textos e transformar a realidade em que vive utilizando a língua como meio de interação e participação nos mais diversos contextos sociais.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando que este artigo busca refletir sobre a relevância que o docente de Língua Portuguesa atribui ao trabalho com os gêneros textuais em sala de aula, esta pesquisa caracteriza-se como de natureza interpretativista e qualitativa, uma vez que o objetivo é compreender, a partir da análise do discurso do docente participante da pesquisa, os significados que o mesmo atribui à temática abordada.

Para a geração de dados para a pesquisa, foi elaborado um questionário, que compreende questões referentes ao trabalho com os gêneros textuais, e, posteriormente, se deu a aplicação, realizada com um professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio de uma escola estadual do município de Rio Tinto-PB.

Foram feitos ao docente os seguintes questionamentos: (1) Você considera importante o trabalho com gêneros textuais em sala de aula? Por quê?; (2) Para trabalhar com os gêneros textuais, você segue o cronograma de apresentação dos gêneros e as atividades propostas no livro didático ou elabora seu próprio material?; (3) Você trabalha os eixos da leitura, produção textual e análise linguística sempre a partir dos gêneros textuais?; (4) Como você analisa o interesse dos alunos pelas aulas de Língua Portuguesa?; (5) Você acha que o trabalho com gêneros textuais tem despertado o interesse dos alunos pelas aulas de Português?.

Na próxima sessão deste trabalho, faremos uma discussão com base nas respostas do docente aos questionamentos realizados.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir, podemos visualizar as perguntas feitas ao professor e as respostas dadas por ele a cada questionamento. Na sequência, faremos uma discussão referente aos dados obtidos com a aplicação do questionário.

Pesquisadora: Você considera importante o trabalho com gêneros textuais em sala de aula? Por quê?

Docente: *Sim. É fundamental, porque é através dos textos que eles se expressam ou conseguem criticar e avaliar algo, isso quando eles leem e produzem.*

Pesquisadora: Para trabalhar com os gêneros textuais, você segue o cronograma de apresentação dos gêneros e as atividades propostas no livro didático ou elabora seu próprio material?

Docente: *Eu sigo o modelo estabelecido no livro didático. Uma vez ou outra, trago algum outro gênero à parte para ser trabalhado, não faço isso com frequência por causa do tempo.*

Pesquisadora: Você trabalha os eixos da leitura, produção textual e análise linguística sempre a partir dos gêneros textuais?

Docente: *Sim, na maioria das vezes trabalho com os gêneros textuais nos eixos da leitura e produção textual, porém não costumo trabalhar com gêneros textuais no eixo da análise linguística, pois o tempo é muito resumido para observar os conteúdos gramaticais que estão*

presentes em um determinado gênero. Então, para não utilizar o texto apenas como um pretexto e não explorar sua significação, utilizo frases e palavras dissociadas dos textos e explico os conteúdos de análise linguística.

Pesquisadora: Como você analisa o interesse dos alunos pelas aulas de Língua Portuguesa?

Docente: *Os alunos acham as aulas de português chatas e dizem que só têm regras, regras e mais regras gramaticais... E eles não conseguem entender como aquilo que estão estudando vai influenciar de forma positiva na comunicação.*

Pesquisadora: Você acha que o trabalho com gêneros textuais tem contribuído para despertar o interesse dos alunos pelas aulas de Português?

Docente: *Acho que tem melhorado, mas os alunos ainda continuam desinteressados. Muitas coisas eles acham ultrapassadas, devido as mídias digitais. Acho que o governo deveria nos proporcionar algum curso com os gêneros da internet para ver se o interesse dos alunos aumenta.*

A resposta do docente ao primeiro questionamento feito (*Você considera importante o trabalho com gêneros textuais em sala de aula? Por quê?*) demonstra que ele considera essencial o trabalho com gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa, afirmando que contribui para que os alunos se expressem melhor, consigam se posicionar (criticar) e julgar algo (possivelmente, que eles leem ou que produzem em suas escritas). Entretanto, o discurso do professor deixa entrever que os alunos não leem ou produzem gêneros textuais com a frequência esperada, basta observar o emprego do advérbio de tempo “quando” no trecho a seguir: *“isso quando eles leem e produzem”*.

Já ao responder o segundo e o terceiro questionamentos, podemos observar o quanto o fator “tempo” é determinante para o professor, tanto em relação ao gerenciamento da elaboração das aulas (preparação) – agir docente que antecede a aula em si – como em relação ao gerenciamento das atividades em sala de aula.

Pelas respostas dadas, percebemos que, em um caso ou outro, o tempo é um aspecto que se constitui um obstáculo em suas aulas. Na resposta a segunda questão (*Para trabalhar com os gêneros textuais, você segue o cronograma de apresentação dos gêneros e as atividades propostas no livro didático ou elabora seu próprio material?*), o professor afirma seguir a proposta do LD, pois não dispõe de tempo para elaborar material extra (aqui teríamos a falta de tempo para elaboração das aulas).

Quanto à resposta dada a terceira questão (*Você trabalha os eixos da leitura, produção textual e análise linguística sempre a partir dos gêneros textuais?*), percebemos que o fator

tempo também se constitui um problema quando o assunto é o trabalho com o eixo da análise linguística. O professor admite que, devido ao tempo – ou melhor, à falta dele, uma vez que afirma que “*o tempo [em sala de aula] é muito resumido*” –, não utiliza os gêneros textuais para discutir questões relativas à análise linguística, mas apenas para trabalhar os eixos da leitura e produção textual. Assim, para não utilizar o texto apenas como pretexto para exposição e análise de aspectos gramaticais, não explorando como se dá o estabelecimento dos sentidos, o professor opta por trabalhar com frases e palavras isoladas para discutir questões gramaticais. Com isso, as aulas de Língua Portuguesa, que, de acordo com os PCN (1998), devem possibilitar ao aluno a reflexão e a análise linguística a partir de situações de interação oral, de leitura ou de escrita, não alcançam seus objetivos e tornam-se essencialmente metalinguísticas: “[...] *utilizo frases e palavras dissociadas dos textos e explico os conteúdos de análise linguística*”.

Assim, nas duas situações apresentadas ao docente (segundo e terceiro questionamentos), observamos que a falta de organização e gerenciamento do tempo pedagógico por parte do professor influenciam negativamente no alcance dos resultados esperados nas aulas de Língua Portuguesa.

Levando em consideração as respostas que foram dadas até a terceira pergunta, o interesse dos alunos pelas aulas de Língua Portuguesa foi posto em discussão: *Como você analisa o interesse dos alunos pelas aulas de Língua Portuguesa?* Em resposta, o professor expôs que os discentes rotulam as aulas de português como “chatas” e afirmam que só apresentam regras gramaticais. Ele revela estranhar o fato de que os alunos “*não conseguem entender como aquilo que estão estudando vai influenciar de forma positiva na comunicação*”. Nesse momento, surge-nos a questão: Será que os alunos não conseguem estabelecer tal relação porque, ao trabalhar com o eixo da análise linguística, o professor o faz de maneira descontextualizada e os discentes não conseguem vislumbrar a aplicabilidade dos conteúdos linguísticos “aprendidos” nas situações de uso? Ora, conforme afirmara anteriormente, em suas aulas os conteúdos gramaticais são estudados sob um viés estruturalista, a partir de “*frases e palavras dissociadas dos textos*”.

A última questão apresentada ao professor foi: *Você acha que o trabalho com gêneros textuais tem despertado o interesse dos alunos pelas aulas de Português?* Em resposta, ele afirma que o interesse dos alunos tem “melhorado”, contudo, aproveita o momento para revelar que o desinteresse pelas aulas de Língua Portuguesa ainda persiste, e isso se deve, segundo o professor, à explosão das mídias digitais nos últimos anos, o que faz com que os alunos considerem os conteúdos ou o próprio método de ensino ultrapassado. Com base nisso,

o professor sugere que o governo proporcione aos docentes cursos de formação para que se tornem aptos a trabalhar com o uso da internet e, assim, possibilitar aos alunos o acesso a gêneros textuais que são do interesse deles. Com tal habilidade, o professor terá acesso ao letramento digital, que, de acordo com Xavier (2002, p. 03), “[...] requer que o sujeito assuma uma nova maneira de realizar as atividades de leitura e escrita”. Do contrário, parece ao professor que o desinteresse por parte dos alunos pode permanecer.

É importante considerar o grito de socorro desse docente, que entende a necessidade de adquirir “um conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17), ou seja, ser letrado digital.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou refletir sobre a relevância que o docente de Língua Portuguesa atribui ao trabalho com os gêneros textuais em sala de aula. Com os dados obtidos, pudemos constatar que, embora o docente dê importância ao trabalho com os gêneros textuais e enxergue os gêneros como um meio de despertar o interesse dos alunos pelas aulas de Língua Portuguesa, na prática, isso, muitas vezes, não acontece. Esse desencontro entre teoria e prática pode se dar, entre outras questões, devido ao fato de o professor não utilizar os gêneros como um instrumento que possibilita o olhar reflexivo do aluno, fazendo com que este compreenda a dimensão comunicativa e interacional que os gêneros textuais assumem.

É importante ressaltar que a pesquisa nos possibilitou mais do que refletir sobre o trabalho com os gêneros textuais na escola, uma vez que as respostas dadas pelo docente nos fizeram pensar sobre o quanto o fator tempo, quando mal gerenciado, afeta (negativamente) o processo de planejamento das aulas, bem como as atividades desenvolvidas em sala.

Pudemos, ainda, ouvir a voz de um professor que revela a necessidade de passar por um processo de formação que o habilite a fazer uso das tecnologias digitais em sala de aula. Desse modo, ao mesmo tempo em que ele reconhece a importância do trabalho com os gêneros textuais, reconhece também que necessita de tempo e de uma capacitação para que possa trazer para a sala de aula os novos gêneros que permeiam a realidade dos discentes – seja nas mídias sociais ou nos sites de internet, por exemplo –, como forma de despertar o interesse pelas aulas de Língua Portuguesa.

6. REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro & Interação**. Ed. Parábola, 2003.
- _____. **Muito Além da Gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. Ed. Parábola, 2007.
- _____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. Ed. Parábola, 2009.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental – Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.
- DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernand. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. 278 p. (Tradução e organização: Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro).
- GERALDI, João Wanderlei. **O texto na sala de aula**. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1997.
- KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. 4 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PERINI, M. A. **Sofrendo a gramática: ensaios sobre a linguagem**. São Paulo: Ática, 1997.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola?** Campinas, São Paulo: ALD: Mercado de Letras, 1996.
- TRAVAGLIA, Carlos Luiz. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (2002). **Letramento digital e ensino**. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/artigos.htm>>. Acesso em: 09 set. 2018.